

ESTRATÉGIAS DOS AGRICULTORES FAMILIARES: ENTRE A MOLDAGEM DA INTENSIFICAÇÃO PRODUTIVA E A CONSTRUÇÃO DE FORMAS DIFERENCIADAS DE COMERCIALIZAÇÃO

Antonio Lázaro Sant'Ana¹

Resumo: A discussão empreendida neste trabalho tem como fundamento duas pesquisas, relativamente extensas, realizadas na região. A primeira foi realizada entre 2004 a 2006, com 169 produtores, e consistiu no estudo das experiências de produção e de comercialização que têm contribuído para a realização dos projetos de vida das famílias assentadas, seja por meio do aumento da renda seja pela evolução de outros fatores que, na percepção das famílias, resultaram na melhoria de seu bem-estar, em oito assentamentos da região de Andradina (SP). A segunda, desenvolvida entre 2007 e 2009, investigou as estratégias de inserção dos agricultores familiares em processos de comercialização diretos, como a venda ao consumidor, ou semidiretos, como aquela destinada ao comércio varejista, pequena indústria e/ou mercado institucional, assim como as estratégias de produção que visam legitimar esta inserção diferenciada no mercado. Esta última pesquisa envolveu 148 produtores de três microrregiões do noroeste do Estado de São Paulo: Andradina (50), São José do Rio Preto (49) e Jales (49), mas neste trabalho foram abordados apenas os resultados desta última microrregião. A análise do conjunto dessas pesquisas permitiu constatar que os agricultores familiares empregam sua criatividade e tenacidade para desenvolver várias estratégias de produção e de inserção no mercado que tem resultado em melhorias em suas condições de vida e, no caso da comercialização diferenciada, apontam para uma re-significação do papel que desempenham enquanto

¹Prof. Dr., Unesp Ilha Solteira, e-mail: lazaro@agr.feis.unesp.br.

produtores e para uma revalorização de seu modo de vida. No entanto, na grande maioria dos casos são iniciativas individuais ou de grupos muito restritos, sem uma articulação que aglutine e amplie as experiências positivas, apesar de que grande parte da região estudada está inserida em áreas de abrangência das políticas de desenvolvimento territorial do governo federal.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Estratégias; Comercialização Diferenciada; Modo Vida; Noroeste do Estado de São Paulo.

Abstract: *The discussion reported in this paper is based on two extensive surveys conducted in the region. The first survey was carried out from 2004 to 2006 and focused on the study of producers' expertise and experience in farming and marketing. Altogether 169 participant producers shared their experience that have contributed to the progress of these settled families towards achieving their goals, either through an increase in income or the evolution of other factors, which in the households' perception, resulted in welfare improvement within eight settlements in the region of Andradina (SP). The second survey, which was carried out between 2007 and 2009, investigated the integration strategies adopted by small farmers to be used in direct marketing processes such as the retail or semi-direct sales, as the sales for retail trade, small industry, and / or institutional market, as well as the production strategies that aim to legitimize this differentiated insertion into the market. A total of 148 producers were involved in this latter study. They are from three micro-regions, located in Northwest Sao Paulo, as follows: Andradina (50), São José do Rio Preto (49), and Jales (49). However, in this work, only the results obtained from the latter micro-region were discussed. Analyses of all these surveys revealed that family farmers demonstrated their creativity and tenacity to develop various production and marketing integration strategies that have resulted in livelihood improvements and, concerning the differentiated marketing, highlighted a new classification of their roles as producers, and a revaluation of their way of life. However, in most cases initiatives were isolated or within limited groups, without a relationship that brings together and extend the positive experiences, although a great part of the studied region is embedded in areas covered by territorial development policies of the federal government.*

Keywords: *Family Agriculture; Strategies; Differentiate Marketing; Way of Life; Northwest São Paulo.*

1. Introdução

Este trabalho é uma síntese e uma reflexão sobre pesquisas realizadas nos últimos cinco anos, que tratam das estratégias de produção e de comercialização dos agricultores familiares tradicionais e assentados do noroeste paulista, acrescida de alguns apontamentos preliminares sobre a questão do desenvolvimento rural, suas possibilidades e limites diante das dinâmicas sociais e econômicas da região no período recente.

A discussão empreendida neste artigo tem como fundamento duas pesquisas, relativamente extensas: a primeira, desenvolvida entre 2004 e 2006, consistiu no estudo das experiências de produção e de comercialização que têm contribuído para a realização dos projetos de vida das famílias assentadas, seja por meio do aumento da renda seja pela evolução de outros fatores que, na percepção das famílias, resultaram na melhoria de seu bem-estar, em oito assentamentos da região de Andradina (SP), abrangendo um total de 169 produtores. A segunda, realizada, entre 2007 e 2009, envolveu os estudos sobre as estratégias de inserção dos agricultores familiares em processos de comercialização diretos, como a venda ao consumidor, ou semidiretos, como aquela destinada ao comércio varejista, pequena indústria e/ou mercado institucional, de produtos *in natura* ou com algum tipo de agregação de valor, assim como as estratégias de produção que visam legitimar esta inserção diferenciada no mercado. Esta última pesquisa envolveu 148 produtores de três microrregiões do noroeste do Estado de São Paulo: Andradina, São José do Rio Preto e Jales, mas serão abordados os resultados apenas desta última microrregião, pois os produtores de Andradina que comercializam diretamente sua produção também são quase todos assentados e a microrregião de São José do Rio Preto apresenta particularidades (como a presença de uma cidade relativamente populosa) que não cabem abordar em função do escopo deste trabalho.

2. Características do noroeste do Estado de São Paulo

2.1 Caracterização da microrregião de Andradina

A região de Andradina² situa-se no noroeste do Estado de São Paulo e é formada por 12 municípios. De acordo com a Fundação Seade (2009), apresenta índice de escolaridade bem superior à média estadual e de longevidade

²A região de Andradina considerada neste trabalho é a Região de Governo, pois esta é a mesma divisão territorial adotada pela Cati, com a denominação de Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR), no censo do LUPA, o que facilita a comparação dos dados.

ligeiramente inferior à média, mas em termos de riqueza, situa-se bem abaixo da média do Estado, com uma renda per capita de 1,93 salários mínimos (S.M.), enquanto a média estadual é de 2,92 S.M, o que reflete também na quantidade maior de domicílios (em relação à média do Estado) com renda *per capita* menor do que $\frac{1}{4}$ do S.M. e menor do que $\frac{1}{2}$ S.M.

Em relação à escolaridade apesar do índice sintético de escolaridade indicar um bom desempenho da região, esta ainda possui uma taxa de analfabetismo de 10,7% e um percentual de 62,9% da população com o ensino fundamental incompleto, enquanto média estadual é de 6,6% e 55,6%, respectivamente. Somente no caso da população de 18 a 24 anos com ensino médio completo é que a região possui um percentual maior do que a média estadual (FUNDAÇÃO SEADE, 2009).

A importância da agropecuária para a região é significativa se comparada com o peso desta no Estado, pois contribui com 12% do emprego total, enquanto a média estadual é de apenas 3,2% (apesar de que este índice subestima o trabalho na agropecuária, pois só conta os empregos registrados, enquanto prevalece o autoemprego nas unidades familiares). A participação da agropecuária no Valor Adicionado geral é de 5,6%, acima da média estadual que é de 2,1% apenas.

Os dados do LUPA 2007/08 mostra que, em termos de número de unidades agropecuárias, na região de Andradina há ampla predominância das pequenas propriedades com 76,9% das propriedades do EDR na faixa até 20ha, mas quanto à área ocupada representam apenas 13,2% do total. No outro extremo, as unidades agropecuárias com mais de 500ha, embora sejam apenas 1,8% do total, ocupam uma área 35,3% (Tabela 01), o que mostra um alto grau de concentração fundiária na região (PROJETO LUPA, 2009).

De acordo com Carvalho e Kuhn (1999), na década de 90, a região de Andradina estava entre as três regiões do Estado com maior concentração da estrutura agrária³.

A região ficou conhecida como a terra do "rei do boi", por ter a predominância de grandes fazendas que criavam extensivamente bovinos de corte. A construção do complexo hidrelétrico do Urubupungá (formado por três usinas: Jupuíá, Ilha Solteira e Três Irmãos), entre 1960-90, agravou os problemas fundiários da

³Três regiões têm uma grande incidência de propriedades com mais de 500 ha: Andradina, Presidente Venceslau e Presidente Prudente eram as únicas regiões do Estado em que as propriedades com mais de 500ha ocupavam mais da metade da área agrícola regional disponível (CARVALHO e KUHN, 1999, p. 32).

região, pois o enchimento dos lagos desalojou a população ilhéu e ribeirinha. Também ocorreram mudanças na população, pois houve um grande afluxo de pessoas das mais diversas regiões brasileiras para trabalharem na construção das hidrelétricas, mas após o término das obras, parte destes trabalhadores não encontrou ocupações na região.

A CESP (Companhia Energética de São Paulo) buscou amenizar a situação criando três reassentamentos (Jupiá, Três Irmãos e Hortifrutigranjeiros) e um assentamento na região (Cinturão Verde de Ilha Solteira), mas em condições diferentes (áreas de sequeiro) daquelas que viviam a população atingida pela construção das barragens, causando dificuldades de adaptação.

Em função das lutas dos movimentos sociais da região (a organização do MST no Estado de São Paulo originou-se na região de Andradina), o Incra também desapropriou algumas fazendas improdutivas e que foram ocupadas por famílias de trabalhadores sem terras.

Até o final da década de noventa, a forte concentração fundiária não se alterara e muitas fazendas mantinham a criação extensiva de bovinos, com índices muito baixos de produtividade. O número de assentamentos rurais era relativamente pequeno na região de Andradina: apenas 11 projetos e 938 famílias assentadas (excluídos os (re) assentamentos da CESP que seguiram outra dinâmica).

No início da presente década, o Itesp (Instituto de Terras do Estado de São Paulo)⁴, por meio de um convênio com o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), realizou um amplo trabalho de vistorias em propriedades da região e identificou um grande número de propriedades que apresentavam índices de ocupação da terra (Grau de Utilização das Terras – GUT) e de produtividade (Grau de Eficiência na Exploração – GEE) abaixo de 50% dos valores necessários para que um imóvel seja considerado produtivo. Os movimentos sociais rurais, ao tomarem conhecimento destes resultados, promoveram vários acampamentos nas imediações dessas fazendas para pressionar o governo a realizar a desapropriação dos imóveis por interesse social e destiná-los à criação de novos

⁴No Estado de São Paulo o Itesp, até a época desta pesquisa, em 2006, era o órgão estadual responsável pela assistência técnica e extensão rural nos assentamentos, pois o quadro de funcionários do Incra era bastante reduzido e a maior parte dos projetos na região eram acompanhados pelo Itesp. Posteriormente o Incra implantou um Escritório em Andradina com mais de quarenta funcionários, embora a quase totalidade contratada mediante convênio, por tempo determinado.

assentamentos. Esta estratégia, na maioria dos casos, foi vitoriosa e resultou na instalação de um grande número de novos assentamentos rurais. De acordo com o Incra (2010), já foram criados 34 assentamentos somente na microrregião de Andradina (parte destes em implantação).

A região teve como uma das principais atividades a pecuária de corte, mas também o café, assim como em outras regiões do Estado de São Paulo, destacou-se como uma cultura importante até a segunda metade da década de 80. Dentre as culturas anuais, o algodão, o milho e o amendoim chegaram a ocupar uma área expressiva.

Os dados do LUPA de 2007/08, indicam que as pastagens, destinadas à pecuária, continua ocupando a maior área plantada (360,2 mil hectares), mas ocorreu o deslocamento de parte significativa do rebanho bovino para a produção de leite.

Nesta década também ocorreu aumento vertiginoso do plantio de cana-de-açúcar que passou a ocupar o segundo lugar em termos de área plantada (240,7 mil hectares). Com área bastante inferior, menos de 10% da área ocupada pela cana, aparece a cultura do milho, embora esteja presente em um grande número de propriedades, pois é utilizada nas pequenas unidades agropecuárias para a alimentação dos animais.

Em relação às frutíferas, o destaque é o abacaxi, cultivado especialmente em algumas cidades da região, que alcança mais de cinco mil hectares, enquanto as outras frutas que aparecem em seguida, como a manga, a laranja e a banana, ocupam menos de um quarto desta área.

O grande número de assentamentos e os índices de pobreza maiores do que a média estadual levou o Ministério do Desenvolvimento Agrário a escolher Andradina como uma das cinco regiões beneficiadas pela política Desenvolvimento Territorial do Estado de São Paulo⁵, que dentre outros aspectos, concede recursos para serem aplicados em ações e obras que contribuam para estimular o desenvolvimento do território.

4.2 Caracterização da microrregião de Jales

A região Jales⁶ situa-se no extremo noroeste do Estado de São Paulo e é

⁵As outras regiões são o Pontal do Paranapanema, o Vale da Ribeira (estas duas tornaram-se depois Territórios da Cidadania), o Sudoeste do Estado (Itapeva) e a região de Jales.

⁶A região de Jales considerada neste trabalho também é a Região de Governo, pelas mesmas razões expostas para a região de Andradina.

formada por 22 municípios. De acordo com a Fundação Seade (2009), apresenta índices de longevidade e escolaridade superiores à média estadual, mas em termos de riqueza, situa-se bem abaixo da média do Estado, com uma renda *per capita* de 2,08 salários mínimos (S.M.), enquanto a média estadual é de 2,92 S.M., mas não se trata de pobreza extrema, pois quando se observa percentual de domicílios com renda *per capita* menor do que ¼ do S.M., a região está um pouco melhor do que à média do Estado.

Assim como Andradina, o índice sintético de escolaridade indica um bom desempenho da região de Jales, mas esta mantém uma alta taxa de analfabetismo (12,7%) e um percentual de 68,9% da população com o ensino fundamental incompleto, enquanto média estadual é de 6,6% e 55,6%, respectivamente (FUNDAÇÃO SEADE, 2009).

A importância da agropecuária para a região revela-se no percentual de vínculos empregatícios ligado à agropecuária que é mais do que o dobro do que a média estadual (apesar de estar subestimado o trabalho na agropecuária, conforme já mencionado). A participação da agropecuária no Valor Adicionado geral é de 13,7%, bem acima da média estadual que é de 2,1% apenas.

Na região de Jales predominam as pequenas propriedades, como se pode constatar pelos dados do LUPA 2007/08: 87,5% das propriedades do EDR de Jales possuem menos de 50ha e ocupam 40% da área total. Se considerarmos as unidades de produção agropecuária até 100ha, que corresponde aproximadamente a 4 módulos fiscais da maioria dos municípios, estas ocupam 53,8% da área e 94,3% do número total. Quando comparada com outras regiões do Estado de São Paulo, trata-se de uma região com menor concentração fundiária, pois o valor da terra mais baixo, na primeira metade do século XX, permitiu que parceiros de café de outras regiões próximas comprassem terras ali. Alguns municípios, como Jales, tiveram um processo de loteamento planejado, em que as áreas menores ficavam mais próximas do núcleo urbano (MONBEIG, 1984; SANT'ANA, 2003).

A cultura do café foi durante várias décadas a principal atividade econômica da região, mas com a decadência deste a partir dos anos 80, a predominância da produção familiar baseada na pequena propriedade (a parceria era menos importante do que em outras regiões) contribuiu para que opções intensivas em mão-de-obra fossem adotadas e atualmente a região caracteriza-se por grande diversidade em termos produtivos, com destaque para a presença de várias frutíferas e da pecuária de leite. No entanto, em termos de área ocupada, há predominância das pastagens (bovinocultura) com 240,2 mil hectares, seguida

da laranja (17,3 mil hectares), cana-de-açúcar (16,5 mil hectares), milho (3,6 mil hectares) e seringueira (3,2 mil hectares). As culturas da cana e seringueira têm apresentado crescimento significativo nessa última década. São também importantes, do ponto de vista econômico e social, a uva fina, a banana, o limão, a manga, a uva rústica (niagara) e as anonáceas (LUPA, 2007/08).

A cultura do café ocupa 1.081 hectares e mantém a tendência de contínua diminuição da área plantada. A produção comercial de olerícolas, de modo geral, atende ao mercado regional e embora seja importante para parte dos produtores familiares, possui pouca expressão no âmbito regional em termos de número de propriedades envolvidas.

A forte presença da agricultura familiar e a reivindicação articulada por alguns atores locais contribuíram para que o Ministério do Desenvolvimento Agrário incluisse também esta região na política de Desenvolvimento Territorial do Estado de São Paulo, assim como Andradina.

3. Estratégias, habitus e modo de vida

A perspectiva teórica adotada na concepção e interpretação dos resultados das pesquisas realizadas baseou-se em algumas categorias analíticas que concebem a realidade e ações humanas como um processo complexo em que não há determinações irreversíveis e unívocas.

Tal como Wanderley (1999) parte-se da hipótese de que as transformações ocorridas na agricultura familiar para que esta se reproduzisse nas sociedades modernas, não produziu uma ruptura total e definitiva com as formas anteriores.

Na exploração familiar "*cada decisão importante é resultante de duas forças, uma representando o peso do passado e da tradição e a outra, a atração por um futuro materializado pelos projetos que ocorrerão no porvir*" (LAMARCHE, 1993, p. 19).

Carneiro (1997), estudando a agricultura familiar nos países desenvolvidos, acrescenta que pesquisadores europeus constataram que tem partido da *cultura camponesa tradicional* a formulação de saídas à crise da economia e do ecossistema provocadas pelas medidas modernizadoras.

No caso dos assentamentos, Antuniassi (1993) destaca o importante papel do resgate de práticas e estratégias tradicionais de ajuda mútua ligadas ao parentesco para a manutenção das famílias na área, mesmo em condições adversas.

A tradição não deve ser interpretada, portanto, como um apego irracional a elementos arcaicos e nem "*diz respeito apenas à celebração de um passado*

inalterável ou à defesa do 'status quo'", pois é também uma forma de olhar o futuro (GIDDENS, 1995, p. 127).

Bourdieu (1974; 1983; 1990) utiliza o conceito *habitus* para explicar essa relação entre mudança/permanência e condicionamento/autonomia do sujeito (agente). O *habitus* enquanto um "*sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas (...) tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas*". (BOURDIEU, 1974, p. 201-2)

Essa característica durável e determinada não é absoluta e não impede, segundo Bourdieu (1983), que o *habitus* tenha um caráter histórico. O conceito de *habitus* é particularmente adequado para se pensar as estratégias dos produtores familiares, pois estas tendem a ser edificadas com base em uma tradição bastante forte e se constituem em reações, alternativas ou adaptações referentes a alguma restrição imposta pelas condições objetivas de trabalho e de vida. O *habitus* gera:

[...] estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica das causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação (BOURDIEU, 1990, p. 23).

Bourdieu busca esclarecer a relação contraditória entre determinação e autonomia na configuração das estratégias. O princípio dessas estratégias não é:

[...] a procura consciente da maximização do lucro específico, mas uma relação inconsciente entre um *habitus* e um campo. As estratégias [...] são ações objetivamente orientadas em relação a fins que podem não ser os fins subjetivamente almejados (BOURDIEU, 1983, p. 94).

Há uma dupla (in)determinação: as condições sociais, econômicas e políticas de um determinado contexto e o *habitus* influenciam decisivamente as estratégias utilizadas em termos de objetivos e em relação às finalidades efetivamente alcançadas; mas nem tudo é mecanicamente determinado externamente ao sujeito, este também têm possibilidade de respostas ativas; ao mesmo tempo que nem todas as ações/práticas desenvolvidas pelo sujeito têm uma finalidade consciente (SANT'ANA, 2003).

A análise da agricultura familiar a partir das estratégias dos produtores se

contrapõe às vertentes que atribuem um caráter transitório à agricultura familiar, pois esta tenderia a desaparecer com o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas. Sem desprezar os determinantes estruturais, este enfoque considera necessário examinar o papel desempenhado pelas ações dos sujeitos na construção de suas estratégias de vida, ainda que parcialmente subordinados e limitados pela sociedade envolvente e pelo processo histórico mais geral.

As estratégias estão fundamentadas em um *habitus*, mas também envolvem projetos, e estes estão em permanente construção, em constante adaptação às condições e possibilidades do campo e ao próprio *habitus* e experiências dos sujeitos. As estratégias são processos, construções que nunca atingem uma forma definitiva, são fluídas e não estruturas rígidas, pré-concebidas (SANT'ANA, 2003).

Esses projetos podem ser mais bem compreendidos, quando analisados como parte de determinados modos de vida. Para Lobo (1992), as análises realizadas a partir da noção modos de vida enfatizam as práticas cotidianas, as tradições, a diferenciação interna, suas representações, tanto quanto a internalização subjetiva de suas condições materiais de existência.

O conceito de modo de vida é abrangente, não se limita aos indicadores objetivos das condições materiais de vida e trabalho e nem mesmo ao *habitus*, às dimensões que estão incorporadas no modo ser, pensar e agir do indivíduo (ou grupo) e que são resultado dos condicionamentos objetivos; este conceito abrange também um projeto. É o modo de vida que dá sentido às inter-relações entre as estratégias, embora nem sempre seja produto de escolhas racionais e lógicas e, como elemento histórico, esteja em permanente construção (SANT'ANA, 2003).

Deve-se ressaltar que a existência de um projeto não é um *a priori*, um dado, mas uma possibilidade.

As estratégias, portanto, são construídas na relação tensa entre um campo, um *habitus* e um projeto, expressam e são expressão de um modo de vida; buscam configurar e, ao mesmo tempo, sofrem a mediação desse mesmo modo de vida.

As estratégias tanto podem buscar conservar um modo de vida, reagindo às pressões restritivas advindas de mudanças em um campo, como podem orientar esforços práticos e simbólicos para mudar a composição de forças internas ao jogo ou ainda para subverter suas regras, visando à (re)construção de um outro modo de vida projetado (embora, este também seja produto da memória e do vivido).

Na construção de um modo de vida também não cabe tentar separar as

dinâmicas interna e externa desse processo, pois estas estão imbricadas e se retroalimentam (FERRANTE e BARONE, 2008).

Bourdieu (1994) divide as estratégias de reprodução em cinco classes que estariam presentes em todas as sociedades, mas com formas e pesos diferenciados: as estratégias de investimento biológico (das quais as mais importantes são aquelas ligadas à fecundidade e as profiláticas – o cuidado com o corpo); as estratégias sucessórias; as estratégias educativas (escolar e familiar, esta última, inclui a estratégias éticas que visam inculcar a submissão dos interesses dos indivíduos aos do grupo/família); as estratégias de investimento econômico; e as estratégias de investimento simbólico que visam conservar ou ampliar o capital de reconhecimento (social, político, etc.) do grupo.

Ainda de acordo com este autor, as estratégias formam um sistema cronologicamente articulado, de modo que uma estratégia pode substituir a função de outra ou ser mais importante do que outras em determinado contexto ou de acordo com o ciclo de vida da família. Pode-se acrescentar que há também uma complexa rede de inter-relações e combinações entre essas diversas classes de estratégias.

As estratégias dos produtores familiares podem abranger, portanto, os aspectos produtivos, de comercialização, de crédito, de organização, de formação técnico-profissional e de administração, como também outros aspectos ligados à vida social e à cultura dos produtores, como os valores, as tradições e as normas que informam as relações familiares, a educação dos filhos, as relações comunitárias tradicionais, as alianças, as relações de parentesco e descendência, os casamentos, o tipo de partilha, a migração, o desenvolvimento de atividades não agrícolas, dentre outras (SANT´ANA, 2003).

4. Caracterização geral dos produtores e da produção

Os resultados que serão apresentados a seguir referem-se às duas pesquisas já citadas, uma sobre oito assentamentos da região de Andradina e a outra sobre produtores da região de Jales que comercializam diretamente sua produção.

Em ambas as pesquisas constatou-se que a faixa etária dos responsáveis pela unidade familiar era relativamente avançada, sendo que a maioria possuía mais de 50 anos. Quase todos os responsáveis se encontram ativos, mas notou-se uma adaptação da função ou tipo de atividade (culturas e criações) que exercem com suas possibilidades físicas atuais e com a maior ou menor disponibilidade de mão de obra. Quando não podem contar mais com o trabalho dos filhos, implantam mudanças no sistema de produção do estabelecimento,

seja no sentido de introdução de tecnologias poupadoras de mão-de-obra (como a ordenhadeira mecânica), seja reduzindo ou descartando determinadas culturas e atividades.

Quanto ao grau de escolaridade dos responsáveis pelos estabelecimentos, observou-se que não houve diferença significativa entre homens e mulheres no universo pesquisado. Em ambas as pesquisas tanto produtores como produtoras apresentaram baixo grau escolaridade: os homens entre 83 e 90% e as mulheres entre 73 e 85%, não ultrapassaram o ensino fundamental, sendo que, dentre os assentados, mais da metade do total estudou no máximo até a 4.^a Série do Ensino Fundamental.

A situação melhora significativamente quando se analisa a escolaridade dos filhos maiores de 14 anos. No caso da pesquisa dos oito assentamentos, em torno de 70% dos filhos frequentaram (ou frequentam) o ensino médio e 7,2% alcançaram o ensino superior, e na pesquisa que investigou os produtores que comercializam diretamente a produção em Jales pouco mais da metade (52,4%) tinha alcançado o ensino médio, mas um percentual significativo (23,8%) estava cursando ou havia completado o ensino superior (a maioria em faculdades particulares da região). Nesta última pesquisa somente foram considerados os filhos que estavam engajados no trabalho do estabelecimento, excluindo aqueles que apenas residiam com os pais.

Embora uma parte dos pais elabore várias estratégias para manter o filho na propriedade, como lhe dar maior autonomia por meio da implantação de atividades independentes ou a compra de presentes (motocicletas, por exemplo), o maior grau de escolaridade dos filhos aumenta a possibilidade de sucesso na busca de um emprego fora da propriedade/lote. Na região de Andradina, em função da expansão significativa da quantidade de assentamentos, nas famílias mais numerosas, observou-se a estratégia dos filhos (com o apoio dos pais) de acampar e buscar conquistar terra em outros assentamentos. Foram observados casos de famílias do Assentamento Primavera de Andradina (o primeiro implantado na região) que tiveram seus filhos instalados no Assentamento Belo Monte (Andradina) e cujos netos foram assentados no Estrela da Ilha (Ilha Solteira).

Há, no entanto, pais que não desejam que seus filhos sofram as mesmas dificuldades pelas quais passaram e veem o estudo como uma forma de encaminhá-los para outras profissões, embora também manifestem não gostar da vida no meio urbano. Como constatou Battestin (2009) os pais e parte dos jovens estão insatisfeitos com os resultados do trabalho agrícola, mas são apegados ao modo de vida rural. Os depoimentos dos assentados sobre o

significado da conquista da terra demonstram que valorizam a vida no assentamento, apesar do trabalho pesado e das dificuldades de geração de renda. O modo de vida que traz esta satisfação abrange não só aspectos materiais, mas também dimensões subjetivas, como o gosto, a alegria de estar em um lugar marcado pela tranquilidade, pela amplitude, pelo convívio mais próximo com a terra e com a natureza (SANT'ANA *et al.*, 2009).

A maioria das famílias, das duas regiões pesquisadas, utiliza rendas não-agrícolas para compor o orçamento familiar, provenientes do trabalho e/ou de aposentadorias/pensões. No caso de trabalho de membros da família (especialmente dos filhos) a renda é destinada tanto para cobrir as despesas individuais e familiares, como, em alguns casos, para investir no estabelecimento.

Na pesquisa sobre os assentamentos foi investigada a experiência anterior de trabalho do responsável pelo lote. Em todos os assentamentos a grande maioria dos titulares de lote teve algum tipo de experiência de trabalho agrícola antes de entrar na terra. (SANT'ANA *et al.*, 2007). Quando se detalha o tipo de ocupação anterior, verifica-se que as maiores frequências são de trabalhador rural diarista (boia-fria) e de empregado rural mensalista, a primeira extremamente precária e a última sujeita à baixa remuneração. Além disso, dentre os 30,8% (do total) que possuem experiência de trabalho não-agrícola a quase totalidade destas atividades está, da mesma forma, vinculada a profissões de baixa remuneração e/ou precárias. Estes dados mostram que os assentamentos cumprem também um importante papel de inclusão social, pois a grande maioria famílias além de revelar que teve melhoria na condição de vida, passando a ter no mínimo uma casa e meios de subsistência, ainda elevou sua autoestima ao ver o sonho da conquista da terra se realizar.

Na região de Jales, quando se analisa o tempo de trabalho na agricultura dos produtores pesquisados, observa-se que a maioria desempenha atividades agrícolas há décadas. Dentre os titulares das propriedades, 75,5% declararam que trabalham há pelo menos 26 anos como agricultor, mas metade deles está no máximo há 15 anos na mesma área, o que indica que estes produtores tiveram que mudar de propriedade no momento da partilha ou para se adaptar a situações de dificuldades ou ainda em busca de melhores áreas para produção e comercialização.

Dentre as famílias assentadas da região de Andradina predominam os lotes entre 14 e 16 hectares, enquanto em Jales dentre os produtores pesquisados a média é de 12,8 hectares, sendo que 59,2% possui entre 2,1 e 10 hectares, enquanto 20,5% está na faixa de 10 a 20 hectares.

A grande maioria das famílias assentadas da região de Andradina entrou no assentamento sem nenhum recurso, seja porque não dispunham de bens que pudessem ser vendidos e aplicados no lote, seja porque após anos de acampamento esses recursos foram exauridos. De modo geral, a infraestrutura dos lotes pesquisados é precária, especialmente em relação aos equipamentos e benfeitorias destinadas à produção, pois foi necessário aplicar os créditos de investimento recebidos em bens que gerassem renda imediata (SANT'ANA, 2009). Em Jales a infraestrutura básica está presente em quase todas as propriedades, mas a maioria precisa de reforma e/ou adequação.

No início desta década a exigência de granelização do leite (Instrução Normativa n.º 51, de 18/09/2002, do Ministério da Agricultura) colocou um novo desafio para os assentados e produtores familiares em geral. A granelização que em princípio foi apontada como um fator de exclusão do pequeno produtor, nos assentamentos rurais da região levou à criação de vários grupos informais e depois associações ou cooperativas. Em todos os assentamentos pesquisados a comercialização do leite é realizada com a mediação dessas organizações que gerenciam os tanques de expansão (mantém resfriado o leite) comunitários ou que foram cedidos pelas empresas compradoras. Na região de Jales os produtores tiveram mais dificuldade de organização e em muitos locais receberam em média preços menores pelo litro de leite comercializado.

Nos assentamentos de Andradina o rebanho bovino é a principal atividade em quase todos os lotes, mas apresenta grande variação do tamanho do plantel. A maior parte (44%) dos produtores possui entre 21 e 40 cabeças de animais; 30,9% possuem mais de 40 animais; já outros 24,7% possuem no máximo 20 cabeças. Em Jales, dentre os produtores pesquisados, a bovinocultura está presente em 35 propriedades (71,4%), com um número médio de 23 cabeças por estabelecimento. Na maioria dos casos é uma atividade secundária ou complementar na geração de renda do estabelecimento, pois as atividades predominantes são as hortícolas (produção de frutas e hortaliças). Nesta região a pecuária leiteira é também uma atividade importante para os agricultores familiares, mas a amostra de produtores pesquisada é composta apenas por aqueles que comercializam de forma diferenciada a sua produção, o que é mais frequente dentre as referidas culturas. Em muitos casos o leite é utilizado para a fabricação de queijos e outros derivados para comercialização.

A maior parte (44,4%) dos produtores assentados apresenta produtividade de 4,1 a 6,0 litros diários por vaca ordenhada (semelhante à média do Estado de São Paulo⁷), 18,8% de 6,0 a 8,0 litros/dia e somente 13,8% tem obtido

produtividade média por vaca acima 8,0 litros/dia. Por outro lado, um percentual significativo dos produtores (23,2%) apresenta produtividade muito baixa, de até 4,0 litros/dia por vaca (SANT'ANA, 2009).

A sazonalidade da produção de leite é muito significativa dentre os produtores pesquisados das duas microrregiões, sendo que em Andradina a média de produção no período chuvoso é de 75 litros/dia por produtor e na seca é de 50 litros/dia. Já dentre os produtores pesquisados de Jales a média observada durante o período das águas é de 43 litros/dia, enquanto no período seco a média cai para 26 litros/dia, uma drástica redução de quase 60%.

A predominância da pecuária de leite é justificada pelos produtores, em função desta atividade garantir uma renda mensal (pois tem comercialização garantida), oferecer poucos riscos de queda brusca da produção, ter uma oscilação de preços relativamente previsível e trazer um ganho adicional com a venda dos bezerros.

As principais culturas plantadas pelos assentados de Andradina (além da braquiária que ocupa em média 70% da área dos estabelecimentos) são: o milho, que devido a sua grande versatilidade, integrou-se ao sistema de produção da pecuária de leite; a mandioca, presente em todos os assentamentos e cultivada basicamente para autoconsumo, mas em alguns assentamentos também é destinada à venda; e diversos tipos de feijão (carioca, catador, adzuki). Outras culturas como o eucalipto, o quiabo, a manga, o abacaxi, embora sejam importantes alternativas de diversificação da renda para alguns produtores, ocupam áreas menores e estão presentes em um número relativamente pequeno de lotes.

Também em Jales, a pastagem está presente na maioria das propriedades pesquisadas (75,5%), já que mesmo que não esteja sendo direcionada à pecuária leiteira, é utilizada na atividade de recria de animais de corte. Presente em 30,6% das propriedades, o milho foi a segunda cultura mais citada, mas neste caso, um terço dos produtores que semeia a cultura, informou cultivar milho verde destinado a comercialização direta. A produção de laranja pelos produtores também é bastante significativa, está presente em 24,5% das propriedades, seguida de outras frutíferas, como a uva, banana e limão.

⁷Deve-se considerar, no entanto, que a média brasileira e do Estado de São Paulo é baixa quando comparada, por exemplo, à dos Estados do Sul do país que apresentaram produtividade média 60% maior do que a média brasileira (IBGE, 2007).

5. Principais estratégias dos produtores

O perfil dos produtores e da produção dos assentados na região de Andradina e dos agricultores familiares pesquisados da região de Jales mostra que ambos possuem várias características comuns, embora algumas estratégias tenham a marca do contexto regional e da inserção ou não em lutas pela conquista da terra.

Do ponto de vista dos sistemas de produção, dentre os assentados pesquisados na região de Andradina, há ampla predominância da pecuária de leite, enquanto na região de Jales, embora esta atividade tenha também se ampliado nas últimas décadas, há maior diversificação de culturas, especialmente a fruticultura.

No caso dos assentados da região de Andradina, o histórico de lutas pela conquista da terra e a maior presença de movimentos sociais resultaram em uma maior capacidade de organização para formar associações/cooperativas e de articulação para ter acesso ao crédito e a outras políticas públicas, como a inserção dos filhos em outros assentamentos da região. No entanto, a condição inicial dos assentados é mais desfavorável, pois adentram áreas sem nenhuma benfeitoria, muitas vezes com solos desgastados e, parte deles, sem experiência de gestão de uma atividade agropecuária, pois, como foi já mencionado, a maioria tivera como ocupação anterior o trabalho assalariado agrícola e/ou urbano. Na região de Jales a propriedade herdada ou adquirida mediante a compra envolveu muito trabalho, mas não lutas sociais pela terra. De modo geral, em termos de infraestrutura as propriedades em Jales encontram-se em situação melhor e a experiência familiar na agricultura também era mais ampla, envolvendo duas ou três gerações.

As estratégias predominantes em relação à produção e à comercialização seguem duas linhas principais, que embora não sejam contraditórias, pois podem ser combinadas, muitas vezes são adotadas alternativamente em função da capacidade de investimento dos produtores ou de suas opções em termos de modo de vida. A primeira linha abrange produtores que têm procurado investir no aumento da produção e da produtividade da principal atividade que realizam, na grande maioria dos casos, a pecuária leiteira, seja via especialização produtiva ou combinando esta atividade com diversificação produtiva e da renda. A segunda linha adota como estratégia a inserção diferenciada no mercado, por meio da venda direta ao consumidor e/ou ao mercado varejista, institucional ou ainda pequenas indústrias no âmbito local/regional.

Os agricultores familiares que adotam a primeira linha ganham maior visibilidade dentre atores internos e externos ao assentamento/comunidade rural,

são reconhecidos como inovadores, produtivos e empreendedores, e em alguns casos tomados como modelos. Observa-se, muitas vezes, a criação de uma dinâmica virtuosa em que o aumento da produção e produtividade gera maiores rendas, estas permitem melhorias na condição de vida, reinvestimentos no estabelecimento familiar e, ao mesmo tempo, motivam a busca de maior capacitação técnica, a construção de parcerias com órgãos ligados à extensão rural e outras instituições, além de manter maior número de membros da família em torno do estabelecimento. Mas nem sempre o caminho da tecnificação convencional significa maiores rendas líquidas, pois em parte o ganho de produtividade é absorvido pelo aumento dos custos de produção e/ou é acompanhado de maior nível de endividamento e elevação dos riscos, com alguns resultados desastrosos, como no caso dos produtores de uva da região Jales diante da perda total da produção ou de calote dos compradores da safra. Embora a pecuária leiteira apresente maior estabilidade relativa da renda anual, também já ocorreram casos de falência de agroindústrias e permanentemente há a dependência dos preços ditados por estas grandes empresas.

As pesquisas realizadas indicam que dentre as famílias que optaram pela intensificação produtiva, são aquelas que combinam esse processo com a diversificação de culturas e atividades ou, no mínimo, adotam uma gestão cautelosa dos investimentos, em que as decisões não são avaliadas apenas em função de seu retorno, da racionalidade econômica, mas principalmente com base em seus riscos potenciais para reprodução social da família e para a estabilidade de um certo modo de vida, que conseguem realizar seus projetos com solidez. Persiste, no entanto, a necessidade do agricultor se moldar a uma forma específica de organizar a produção e seguir itinerários técnicos estritos, ditados pelas grandes agroindústrias.

Esse tipo de produtor que investe no aumento da produção e produtividade, dentro do padrão da agricultura convencional, no caso dos assentamentos de Andradina, representa entre 20 e 30% do total, ou seja, a grande maioria não consegue se inserir nesse processo, seja por não dispor de recursos, equipamentos ou formação técnica adequada, ou em função de preferir outros caminhos.

Uma segunda linha das estratégias dos produtores familiares, presente também em ambas as regiões, mas que foi abordada especificamente na pesquisa realizada na microrregião de Jales, consiste na construção de formas diferenciadas de inserção no mercado, como a venda direta ao consumidor e/ou a venda para o comércio varejista, pequenas indústrias ou mercado institucional (no período recente ampliou-se com a criação do Programa de Aquisição de Alimentos).

Especialmente na venda direta ao consumidor constatou-se uma grande diversidade de tipos de produtos comercializados (mais de 50 produtos diferentes), sendo que em alguns casos ainda há vários produtos dentro do grupo, como os cárneos, os lácteos e os resultantes de panificação.

A diversidade se manifesta ainda nas estratégias que os produtores utilizam para colocar seus produtos no mercado, pois embora as feiras-livres sejam predominantes, os produtores também realizam vendas nos estabelecimentos, nas ruas/residências, barracas, pequenas casas comerciais, mercado institucional, outros produtores, por meio de rede de parentesco, pontos comerciais informais na cidade (uma esquina em determinado horário), supermercados com abrangência local/regional ou até mesmo enviam pelos correios.

Outro aspecto marcante nessa segunda linha de estratégias é a diversidade de itinerários técnicos: alguns produtos exigem alto grau de domínio técnico convencional (*moderno*), outros um saber-fazer específico e transmitido de uma geração à outra dentro de uma família, e ainda outros são produtos do quintal que exigem poucos recursos técnicos e normalmente são destinados exclusivamente para consumo próprio, mas que eventualmente atendem às preferências de determinados clientes.

Embora sejam atividades quase invisíveis, especialmente quando desenvolvidas por mulheres, com cultivos do entorno da casa ou a partir da fabricação de produtos artesanais, a renda obtida por meio da comercialização diferenciada é muito importante para a maioria das famílias. Pode-se verificar tal relevância quando se compara com a renda obtida pelo leite, que é a principal atividade produtiva da região, e constata-se que a grande maioria dos produtores que comercializa diretamente ao consumidor conseguiu uma renda bruta superior (SANT'ANA *et al.*, 2010).

Além da importância em termos de geração de renda, vários produtores mencionaram que a comercialização direta proporciona maior autonomia para organizar a produção e permite-lhes ter maior poder de negociação de preços, já que tratam diretamente com os consumidores ou pequenos varejistas. Alguns destacaram ainda a ampliação de suas relações sociais, como um aspecto que lhes trazia satisfação, pois ao sair do cotidiano da propriedade rural, tornavam-se mais conhecidos e suas habilidades e saberes para produzir determinados produtos passavam a ser reconhecidas e valorizadas.

6. Considerações finais

A análise dessas pesquisas permite constatar que os produtores desenvolvem,

com criatividade e perseverança, várias estratégias de produção e de inserção no mercado que têm resultado em melhorias concretas em suas condições de vida e, no caso da comercialização diferenciada, apontam para uma re-significação do papel que desempenham enquanto produtores e para uma revalorização do modo de vida dos agricultores familiares.

Embora seja maior a visibilidade das estratégias que se orientam para o aumento da produção e da produtividade, via tecnificação convencional e especialização, somente uma parte dos produtores tem conseguido se estruturar para seguir essa trajetória, além de que, nesse caso, quase sempre a comercialização se faz em cadeias longas ou para grandes agroindústrias, o que restringe muito a autonomia dos produtores.

Já as estratégias diferenciadas de inserção no mercado e a diversificação produtiva, que a acompanha, podem se tornar um outro caminho capaz de contribuir para a reprodução social da agricultura familiar, ao mesmo tempo, que revaloriza seu modo de vida e seus conhecimentos. Nesta forma de comercialização a família tem maior autonomia técnico-produtiva, pois a qualidade dos produtos muitas vezes não é resultado de sofisticação tecnológica ou da conformidade estrita a normas e procedimentos padrão, mas resultado de um saber-fazer tradicional, mediado por relações de confiança, possível devido ao contato direto do produtor e consumidor. Além disso, o produtor ao eliminar agentes de intermediação, consegue obter um preço melhor para seus produtos e, às vezes, negociar margem de lucro em função da especificidade e tipicidade dos produtos que oferece. Observou-se, no entanto, que a grande maioria dos casos de comercialização diferenciada é resultado de iniciativas individuais ou de grupos muito restritos, e com apoio tênue de organizações públicas (governamentais e não-governamentais), portanto com poucas possibilidades de se expandirem, sem comprometer a renda daqueles que já estão inseridos nesse mercado.

Ambas as regiões estudadas estão em áreas de abrangência das políticas de desenvolvimento territorial do governo federal, mas este fato ainda não resultou em uma articulação que aglutine e amplie as experiências positivas. Esta articulação seria fundamental para criar as condições permitam aproveitar as oportunidades que políticas recentes oferecem, como a participação da agricultura familiar no Programa de Aquisição de Alimentos e na merenda escolar, ou para ampliar e consolidar a participação dos produtores em equipamentos públicos, onde possam vender seus produtos (*in natura* e processados) diretamente ao consumidor (como as feiras livres). Desta forma, não teríamos apenas experiências

pontuais exitosas, fundadas no talento e esforço de famílias isoladas, mas um processo de desenvolvimento da agricultura familiar nas regiões estudadas.

Referências

ANTUNIASSI, M. H. R. Estratégias familiares na organização do trabalho em núcleos de reforma agrária. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 23, supl. 01, p. 17-21, 1993.

BATTESTIN, S. **Ser jovem e ser agricultor: a agricultura familiar como perspectiva e projeto de vida para filhas e filhos de agricultores do município de Anchieta-ES**. Viçosa (MG), 2009. 206p. Dissertação (*Magister Scientiae*) Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal Viçosa.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. 361p.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234p.

CARNEIRO, M. J. Política pública e agricultura familiar: uma leitura do PRONAF. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 8, abril, p.70-82, 1997.

CARVALHO, Y.M.C., KUHN, V.L. (1999) Agricultura familiar no estado de São Paulo: política e condições econômicas. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 29, nº 8.

FERRANTE, V. L. S. B., BARONE, L. A. Assentamentos na agenda das políticas públicas: a "trama de tensões" em regiões diferenciadas. In: FERRANTE, V. L. S. B., WHITAKER, D. C. A. (Orgs.) **Reforma agrária e desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara (co-editor), 2008, p. 272-307.

FUNDAÇÃO SEADE Informações dos Municípios Paulistas. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/>, Acesso em 10/09/2009.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK; U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Ed. Unesp, 1995, p. 73-133.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Produção da Pecuária Municipal 2005. Disponível em: www.ibge.gov.br . Acesso em 01/02/2007.

LAMARCHE, H. (Coord.) **A agricultura familiar: uma realidade multiforme**. Campinas: Ed. da UNICAMP, v. 1, 1993, 336p.

LOBO, E. S. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social Revista de Sociologia**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 7-15, 1992.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). Instrução Normativa n.º 19. Disponível em: <http://www.portalagricultura.com.br/Paginas/Agricolas/visDetalhes.as...> Acesso em 03/08/2009.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984. 392p.

SANT´ANA, A. L. **Raízes na terra: as estratégias dos produtores familiares de três municípios da mesorregião de São José do Rio Preto (SP)**. Araraquara, 2003. 246p. Tese (Sociologia) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

_____. Caminhos e descaminhos das estratégias familiares de diversificação produtiva em assentamentos rurais da Região de Andradina (SP) In: IV CONGRESO ARGENTINO Y LATINOAMERICANO DE ANTROPOLOGÍA RURAL, 2009, Mar del Plata (Argentina). **Anais...** INTA: , 2009. Cd-rom.

SANT´ANA, A. L. et al. Estratégias de Produção e Comercialização dos Assentados da Região de Andradina, Estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, SP, v.37, n. 5, maio 2007, p.29-41.

SANT´ANA, A. L., TARSITANO, M. A. A., SILVA, F. C., MODENESE,

V. S. O significado da terra para os assentados da região de Andradina-SP. **Retratos de Assentamentos**, n. 12, p. 275 - 290, 2009.

SANT´ANA, A. L., SILVA, F. C., MODENESE, V. S., SANT´ANA, D. Z., SOUZA, G. S. A inserção diferenciada no mercado como importante estratégia de geração de renda dos agricultores familiares do noroeste paulista In: IV Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2010, Curitiba (PR). **Anais...** Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná, 2010. Cd-rom.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo – LUPA 2007/2008**. São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2008. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>. Acesso em: 01/07/2009.

SILVESTRO, M. L. et al. **Impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis (SC) – Brasília: Epagri; – NEAD/MDA, 2001. 102p.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p. 23-56.